



# Biograph



---

## UM NOVO OLHAR AO VIVIDO: DECORRENTE DAS PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO DA VIDA.

Wilson Batista Martins - wilsonbmartins@gmail.com

Wilson Batista Martins

Doutorando em Psicologia Social.

Professor de Cursos de Extensão e Técnicos.

“A aprendizagem precisa da técnica como instrumento, mas é, no âmago, expressão política. A competência humana fundamental não é técnica, mas política, ou seja, muito mais relevante do que dominar tecnicamente a natureza é saber o que fazer da vida.”

(Pedro Demo, Conhecer & Aprender)

## **Lembranças preliminares sobre a minha história de vida**

Minha história sempre existiu e sempre existirá, mas sua materialização só se tornou possível a partir da aceitação de que o pecado não existe, que nós, homens, somos filhos de Deus e também por meio do Ciclo de Estudos da Educação da Vida (CEEV). Minha convicção de que “pecado e carmas não existem originalmente” tomou corpo após o estudo do livro A Humanidade é Isenta do pecado, compilado pelo professor kamino Kusumoto.

Desafio-me horas e horas, dias e dias, afim de registrar de forma fidedigna, independente das lágrimas que em vários momentos lavavam o meu rosto. Em diversos momentos dei uma pausa e era tomado pelo desejo de parar a escrita. Todavia como um bom teimoso que sou, mais a frente retomei por diversas vezes a escrita e hoje posso certificar quão purificador para minha alma foi essa prática autobiográfica.

Busquei fazer uso de um material narrativo constituído por recordações consideradas como experiência significativas ao longo de minhas aprendizagens e a respeito de todo o legado que as escolas me deixaram (e deixa). Todavia jamais deixarei de creditar todas as informações e direcionamentos promovidos pelos meus tios, primos e alguns conhecidos da região de Itacaré- Bahia.

Ao decidir a respeito do que considero experiências formadoras em minha vida pessoal, escolar, profissional e filosófica religiosa, descrevo a meu respeito e do mundo que enxergo, respeitando os princípios da ética e para tanto, tive que realinhar o verdadeiro respeito aos meus pais. Fui cavar no meu interior os sentimentos adormecidos de piedade e simpatia em direção aos meus pais e as pessoas que sempre cruzaram meus caminhos, (compaixão). Voltei a exercitar o pensar e o falar coerente, aqui está o que entendo enquanto uso controlado do “poder da palavra”. Poder é um termo que tem a sua origem no latim (possum) e significa “ser capaz de”, e é uma palavra que pode ser aplicada em diversas definições e áreas do conhecimento. Aqui tomo a liberdade de usa-la como poder da palavra e desejo significar que após solucionar alguns conflitos que me causavam tormentos, sou capaz de fazer uso e compreender o poder inerente a palavra.

Acredito que essas experiências me conduzem ao entender que cada caminho trilhado, que as dinâmicas de formação, que cada conhecimento e aprendizagem reafirmam

essa narrativa na inter-relação entre o meu passado, presente e futuro promissor. Segundo Josso 2004, para que toda experiência seja considerada formadora é necessário:

(...) falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades.

(JOSSO, 2004, p. 47-48)

A concepção das reflexões socioeducativas e filosóficas do prof. Masaharu Taniguchi, tornou-se de suma importância em minha vida enquanto autor deste memorial. Isso se deve ao fato de o professor Taniguchi afirmar em seu livro *Pedagogia da Seicho-No-Ie*, que para despertar a força, a inteligência e o amor latentes na criança, é preciso observar dois pontos fundamentais:

- 1º) eliminar a “amarras” que estejam restringindo-lhe a liberdade inata; e
- 2º) ajudá-la a conscientizar-se de sua natureza divina.

No que tange a esses dois pontos, acredito que esteja trilhando o caminho correto. Mas, algum tempo depois de ter iniciado as práticas desse incomparável ensinamento filosófico e religioso, despertou em mim uma exigência interior e sentia-me amarrado, impotente e mentiroso, porque falava de forma intensa de uma verdade que não estava reproduzindo na íntegra. Ou seja, aconselhava uma infinidade de jovens e adultos para os quais eu lecionava a procurar, perdoar e se harmonizar com seus pais, fossem eles biológicos ou simplesmente pais do Amor (adotivos). Mas, não estava vivendo verdadeiramente esses meus aconselhamentos. Era nítido o sentimento de “amarras” que estava me tolhendo, pois por meio das escrituras sagradas, escritas pelo prof. Taniguchi, eu aprendia uma Verdade e, no dia a dia, fazia uso de verdades pouco condizentes. Aqui, vale ressaltar que este embate entre Verdade e verdades era o que estava aniquilando minha tão desejada liberdade inata, acima descrita pelo prof. Taniguchi.

Vale exteriorizar também que apesar de meus discursos serem reproduzidos intelectualmente, tratavam-se nitidamente de uma reprodução mecânica e automática, em que a consciência de minha natureza divina, em diferentes momentos, tangia margens das intermináveis dúvidas. Em outros momentos, descortinava-se um filme não muito bonito, no qual eu me enxergava como filho do “pecado”, filho de uma relação pouco

recomendada. Em especial, recusava-se a enfrentar a possibilidade de conhecer e aceitar ser filho daquele que se declarava ser meu pai biológico e ter mais oito irmãos oriundos desse referido pai biológico.

A pesquisa e a escrita deste Memorial tratam de uma narrativa autobiográfica, que possibilita não apenas minha autorreflexão, mas vislumbra, em especial, a compreensão de determinada trajetória de fatos ocorridos. Esses fatos faziam de mim, em diversos momentos, um rebelde sem causa aparente, pois eu sempre resmungava com meus pensamentos, brigava na escola e não cumpria os castigos a mim atribuídos. Todavia, min há relação com meus pais adequava-se perfeitamente aos padrões da época. Eu respeitava-os e jamais desobedecia a uma ordem por eles dada. Sempre tive o que era necessário, em especial, carinho e afeto, não só de meus pais, mas também de minha querida avó Alzira Batista de Oliveira, todos os meus tios e, em especial destaque o meu tio mais velho, que foi o que auxiliou na criação/educação da minha mãe, chamado Tibúrcio Batista de Oliveira, meu estimados primos e vizinhos em geral. Vale ressaltar, que quem organizou a vinda do meu pai sucessor e da minha mãe da cidade de Itacaré-Bahia para São Paulo, também foi o meu tio mais velho Tibúrcio, o qual também já faleceu.

Hoje acredito que tudo já estava escrito: a saída de meu pai sucessor e de minha desbravadora mãe, da região de Ilhéus – BA em direção a São Paulo, onde fixaram suas raízes para que eu pudesse ser quem sou hoje.

### **Memórias atuais, decorrentes de uma interiorização reflexiva**

Tive o privilégio de crescer em uma família simples, todavia provida de bens materiais. Sempre tive o que uma criança deseja para ser feliz: amor, liberdade e brinquedos.

Vivi muito feliz com meus pais e irmãos até o dia 7 de dezembro de 1974, data fatídica na qual faleceu meu pai sucessor. Homem incansável, determinado e que primava por seu profissionalismo. Acredito que herdei muito dele nesse quesito. Ele era um excelente carpinteiro e viajava com certa frequência entre o interior de São Paulo e Rio de Janeiro para efetuar manutenção, desenvolver e finalizar projetos industriais;

Aproximadamente cinco anos após sua morte, descobri que ele não era meu pai biológico, e sim sucessor ou pai de criação. Hoje consigo afirmar que ele sempre me amou e foi um dos maiores responsáveis pela minha educação, mudou-se da região de Ilhéus, na Bahia, para São Paulo em busca de construir uma vida melhor para si e para, até então, seus dois pequeninos filhos. Eu, Wilson, com 3 anos de idade e Wellington, de apenas 6 meses. Anos depois, nasceu a caçula Célia.

Por volta de 1970, manifestei o desejo de trabalhar, pois a maioria dos garotos e garotas de minha idade já trabalhava e auxiliava seus pais. Todavia, apenas minha mãe concordava com um possível trabalho para mim. Meu pai sucessor sempre acreditou que seus filhos deveriam estudar e formar-se com o máximo de conforto possível, e que o trabalho poderia prejudicar o rendimento escolar. A ideia de não prover educação a seus filhos deixava meu pai insatisfeito, pois ele seria capaz de trabalhar dia e noite para prover sua família.

Apesar da insuportável dor que a perda nos causou, após a morte de meu pai sucessor, vi nesse momento a possibilidade de ingressar em uma empresa e trabalhar, como era meu desejo anterior. Fui contratado pela Lorenzetti, uma empresa de chuveiros situada na Mooca, São Paulo e próxima à estação de trem com o mesmo nome. A imagem de meu querido pai sempre é muito presente em mim, o que permite jamais deixar de lado o desejo dele, que vislumbra um futuro promissor a seus filhos. Até os dias atuais, sempre sou tomado de uma inexplicável coragem; acho-me decidido. Sempre procurei tirar proveito do dom da comunicação e também sempre fui agraciado com “muita sorte” e regado por um singelo carisma. Recebi diversas promoções em curto espaço de tempo nas empresas em que já atuei. Dentre essas empresas, às quais tenho profunda gratidão, destaco o Banco Brasileiro de Descontos, a Cia. Suzano de Papel e Celulose e atualmente, o Senac.

### **O Processo Educativo recebido e praticado a partir do conhecimento da Seicho-No-Ie e o que mudou em minha postura diante dos fatos vividos: um novo olhar.**

Jamais encontrei situações consideradas incômodas até ser diagnosticado diabetes em minha mãe, que havia nascido no dia 23 de janeiro de 1932 e que faleceu em 15 de fevereiro de 1991. O referido diabetes surgiu em sua fase adulta, e alguns médicos

atribuíram esse problema ao abalo em seu quadro emocional, por ocasião do falecimento de meu pai sucessor. Acredito que ela tenha sido uma mulher desbravadora e destruidora de enormes tabus. Sempre primou pela verdade homem filho de Deus, verdade máxima pregada pelos praticantes, da Seicho-No-Ie que significa (Lar do Progredir Infinito). Afirmando que mesmo sem conhecer a Seicho-No-Ie, a minha querida mãe era uma praticante assídua, pois a nossa casa sempre foi um lar onde se primava o progredir infinito, ou seja existia paz, amor e respeito mútuo. Acreditava, a sua maneira, que o “homem era filho de Deus e que deveria ser útil ao maior número possível de pessoas”. Minha mãe partiu para o mundo espiritual, seis anos após minha formação em Psicologia, que aconteceu no final de 1985.

Em maio de 1999, fui surpreendido por um programa na rádio Mundial, no qual o preletor Eduardo Nunes proferia uma palestra que não deixava dúvidas quanto à grandiosidade do ensinamento deixado pelo professor Taniguchi.

Resolvi de imediato conhecer a Seicho-No-Ie, e fui justamente à Sede Central-SP/Jabaquara, num domingo frio e chuvoso. Logo no início da palestra, foi perguntado ao público presente se havia alguém pela primeira vez. Levantei a mão de imediato e, em seguida, fui agraciado com uma salva de palmas e uma revista. Na sequência, perguntaram-me de onde eu era. Quando mencionei que residia na cidade de Mauá, fui orientado a procurar a Regional SP-Santo André e que lá me encaminhariam para uma associação local mais próxima de minha residência e assim aconteceu.

A primeira vez que fui a Associação local do Jardim Zaíra, fui recebido pelo Sr. Pereira e ele pediu para que eu auxiliasse na recepção dos adeptos e, de lá para cá, não parei mais. Pouco tempo depois, iniciei o curso por correspondência dos educadores e dos módulos de estudos Regional. Hoje atuo como preletor da Seicho-No-Ie, sou praticante e divulgador desse ensinamento. Sou membro do Conselho Executivo Central da Superintendência dos Educadores da Seicho-No-Ie do Brasil e também sou um dos diretores da Fundação Grande Harmonia, a qual mantém uma Escola de Ensino Fundamental em Maracajaú/RN, uma Creche em Atibaia e uma Casa de Repouso para Idosos na Cidade de Ibiúna no interior de São Paulo. Atuei por dois anos como Presidente de Federação dos Educadores da Regional SP/Santo André e colaborador ativo na Associação local Mauá-Centro. Vale ressaltar que tenho a felicidade de atuar nesses

últimos anos como um dos Professores do Ciclo de Estudos em Educação da Vida (CEEV), o qual se configura enquanto um curso de extensão e tem o objetivo de aprofundar o conhecimento de seus cursistas em Educação da Vida, através de debates, estudos de casos e pesquisas individuais e em grupos,

### **Fortalecimento das prática e ingressos na turma piloto do CEEV**

Como foi mencionado anteriormente, iniciei os estudos desta Verdade “Homem Filho de Deus”, por meio do curso por correspondência dos educadores e dos módulos de estudos da Regional SP/Santo André. O curso por correspondência propiciou o exercício de inúmeras práticas, as quais foram, pouco a pouco, mudando a antiga concepção de filho do pecado e Fortalecendo a crença de que sou filho de Deus e de que o pecado não tem existência verdadeira. Durante a primeira oportunidade que tive para ser um dos apresentadores no Seminário dos Educadores em Ibiúna, o preletor e professor Marcos Rogério Silvestri Vaz Pinto, a quem reverencio sempre, comentou que iria iniciar uma turma piloto do Ciclo de Estudo da Educação da Vida (CEEV). Fui autorizado a iniciar nesta turma e tive o privilegio de chegar ao final. Ao longo dos três anos de estudos, também realizamos diversas práticas, o que, cada vez mais, exigia de mim uma postura condizente ao ensinamento filosófico e religioso.

O enfrentamento de meus conteúdos internos e a necessidade de ser verdadeiro frente à Verdade pregada pela Seicho-No-Ie

Fortaleço a convicção de minha crença, hoje estruturada na Verdade “homem Filho de Deus”, a qual orienta e conduz a escrita deste Memorial Histórico. Este provoca um exercício de reflexão e interrogação de minhas experiências passadas; aflora não só recordações e lembranças, mas também informações que conferem novos sentidos ao meu presente. E foi a conclusão do Ciclo de Estudo da Educação da Vida (CEEV) e a primeira escrita desse Memorial que me fez retornar ao ponto de equilíbrio na área da docência, retomei a convicção dos reais motivos que me conduzem ao cumprimento dessa maravilhosa Missão que é ser educador. Me preparei para ser um bem-sucedido profissional da Psicologia, mais foi no encontro casual na área da educação que meus olhos

brilharam e ainda brilham, a cada encontro com meus alunos, que verdadeiramente são os meus mestres potenciais.

Através de vários estudos começo a compreender que pode estar na pesquisa educacional e no método autobiográfico a possibilidade de ampliar minhas experiências, meu processo de formação pessoal e profissional, e também vir a ser um facilitador através da disseminação dessas experiências e processo de formação, para infinitas pessoas que possam vir a ter contado e se identificar com a minha história. Quantas pessoas ainda não se encontram na mesma situação que eu me encontro?

### **O embarque para Ilhéus e o confronto com minha trajetória de vida**

Em dezembro de 2009, resolvi embarcar para Ilhéus (Bahia) e, ao chegar lá, procurei rapidamente hospedar-me na região de Itacaré em casa de parentes, como sempre foi de costume. Alguns primos, ao saber do motivo dessa minha recente visita, ofereceram-se para auxiliar-me e ir ao encontro de meu possível pai biológico. Mas fui irredutível, mencionei de forma veemente que essa situação deveria ser resolvida entre mim e ele. Em meu interior, ressoava a certeza de que apesar de minha frieza e ignorância, tudo acabaria bem, pois eu já havia aceitado que deveria reconciliar-me com todas as pessoas. Entre estas pessoas, “ele, meu pai” e também com todas as coisas e fatos, e que só existe Deus e o que vem de Deus.

Eu tinha a informação e a maneira mais fácil para encontrá-lo, seria dirigir-me à feira de sábado numa cidade próxima por nome de Ubaitaba. Ao chegar à referida feira, procurei rapidamente por meu possível pai biológico, para uma demorada conversa. Ele aceitou e fomos a uma lanchonete localizada em uma praça, próxima à feira. Pedi duas águas à garçonete e a conversa iniciou, de forma pouco convencional, pois me coloquei na posição de inquisidor. Solicitei a ele esclarecimentos sobre minha paternidade. Seus olhos encheram-se de lágrimas e, sem pestanejar, afirmou. “Sim, eu sou o seu pai e a história é um tanto longa”. Disse a ele que teria todo tempo do mundo para escutá-lo, se bem que não tinha verdadeiramente a certeza de que conseguiria escutá-lo, mas minha sabedoria interior desenvolvia por meio das práticas da Seicho-No-Ie fortalecia-me. Ele continuou: “Quando você nasceu eu já tinha certa idade e também já era casado. Ao saber que sua mãe ficou



grávida, dei total apoio a ela e também a você até a idade de um ano, depois arranjei um casamento para sua mãe com o pai que lhe criou, pois ele também era jovem e poderia dar um futuro melhor para vocês. Mas, durante toda a sua formação, sempre procurei saber como você e sua mãe estavam, mesmo eu continuando na Bahia e você sendo criado em São Paulo. Mantive também em segredo para minha família até uns três anos atrás, depois resolvi contar aos poucos, pois tinha receio de que você, já adulto, se encontrasse com uma de suas irmãs e que tivesse algum tipo de relacionamento, sem saber de sua história. Quero que saibas que não o procurei antes, primeiro por medo da sua reação e depois por ter feito um acordo com seu pai de criação: que só me aproximaria de você se um dia ele morresse. Afirmo que nosso trato era de que jamais eu deveria me aproximar de você, até porque seu pai que o criou também tinha receio da sua reação. Acredito que não tenha sido fácil a nenhum de nós conviver com essa situação por nós escondida. Você não sabe como era difícil vê-lo e não poder abraçá-lo, chamar de filho e ouvir me chamar de pai. Ao saber da morte dele, fiquei preocupado com você, pois estava com 17 anos em uma cidade como São Paulo. Mas sabia que estava do lado de uma grande mulher e dos seus dois irmãos, apesar de serem menores de idade. Sua avó por parte de mãe, minha comadre Alzira, era quem antes de morrer, sempre que vinha a Bahia, trazia notícia e fotos suas. Ela sempre soube de tudo, e nossas conversas eram sempre de forma sigilosa. Eu sempre ficava feliz em saber que você era bem cuidado e educado. Quantas vezes senti vontade de ir até você. Mas como eu poderia dizer que era seu pai? .... Ah! Quero dizer que você sempre foi querido e que tem mais oito irmãos. Quero que os conheça”.

Eu, Wilson, não encontro palavras para explicar. Mas aos poucos fui cedendo aos encantos daquele tão frágil e aparente dócil e franzino homem. Nesse mesmo dia, ele me apresentou para dois de seus oito filhos e disse: “Eles são seus irmãos”. Lembro que não foi nada fácil ouvir essa minha história e manter a aparente calma, sabia que se tratava de uma calma aparente e que, todavia, só a suportava, pois a todo o momento, vinha a minha cabeça que me harmonizar com todas as coisas do Céu e da Terra, e, no que dizia respeito à Terra, estava incluso meu pai biológico. Diversos filmes instantâneos se apoderavam de minha mente, e quando fui apresentado ao meu irmão caçula, este disse: “Mas ele é grandão, por que o senhor não me fez grande também? ”. Esse meu irmão apresentado demonstrou uma profunda alegria e felicidade e, diante de tal situação, senti-me minúsculo

e mencionei: “ Talvez, eu tenha freqüentado as melhores escolas de São Paulo, mas garanto que não tenho a simplicidade de coração que vocês têm. Primeiro que, se não fosse a filosofia de vida que eu acredito e pratico, não viria ao encontro de vocês e, depois, se alguém me apresentasse um de vocês lá em São Paulo, pode ter a certeza de que eu não faria essa mesma festa que vocês estão fazendo, mesmo sem me conhecer”.

Eu ainda embebido nas minhas recordações e lembranças que se misturavam entre o passado e o presente, mencionei sem pensar, ainda na lanchonete da praça: “Pai...” – eu ainda meio atordoado e sem saber direito o que fazer e como tratar aquele senhor que se apresentava como meu pai biológico, chamei-o novamente de “pai”, Ele encheu ainda mais seus olhos de lágrimas, e eu permaneci atordoado, sério. Mais uma vez procurei não manifestar qualquer sentimento e disse que não seria nada fácil aceitá-lo como pai, pois acreditava que tudo era uma questão de convivência. Ele, novamente, apesar da aparente fragilidade e simplicidade disse; “ Meu filho, eu sei que seu pai era o José, pois foi ele que o criou e o educou. Quando você precisava e ficava doente, era ele que estava ao seu lado. Sei que só o tempo fará você me conhecer e me aceitar”. Acredito que, no fundo do coração, já o aceitava, apenas não queria admitir, mesmo sendo eu um praticante da Seicho-No-Ie. Dias depois, retornei a São Paulo e prometi a meu Deus interior, que iria me aproximar dele, pois só assim poderia cultivar o chamado amor entre pai e filho e permanecer em conformidade com minha religião e filosofia de vida. No final do mesmo ano, retornei a Ilhéus e me encontrei com ele. Nesse encontro, fiquei sabendo que sua esposa estava muito doente. Resolvi fazer-lhe uma visita. Ela me recebeu e, a sós, pedi que perdoasse a mim e também a minha mãe já falecida. Elegantemente garantiu que já não mais havia nada a perdoar, que não guardava nenhuma mágoa, nem de minha mãe e muito menos de mim, pois eu não teria qualquer culpa. Mesmo assim reforcei meu pedido, passei mais uns trinta minutos na casa deles e, logo após, retornei à casa de meus primos que me hospedavam. Mais uma vez, rapidamente retornei a São Paulo para participar do Seminário para Educadores na Academia de Treinamento Espiritual em Ibiúna. Um Seminário que todos os anos é realizado em cinco dias. No terceiro dia do Seminário veio a minha cabeça através de uma voz interna, escreva um registro espiritual para a sua madrasta. Senti um forte desejo de inscrever o nome da esposa do meu pai em um registro espiritual, para receber orações cinco vezes ao dia no santuário da academia. Todavia, novamente a voz

interna me dizia: Você é louco? Como pode escrever um registro espiritual para uma pessoa viva? Ela se encontra apenas enferma! Acaso deseja que ela morra? Ao chegar a Mauá, cidade em que resido, fui informado por minha irmã, por parte de mãe, que a outra irmã, por parte do meu pai biológico, havia ligado diversas vezes, mas meu celular estava desligado. Ela queria informar que sua mãe havia falecido três dias após minha saída de lá para São Paulo; que nosso pai estava bastante abalado e até um pouco adoentado. De imediato, liguei para meu Pai e perguntei se poderia ajudar de alguma forma. Ele me disse que estava tudo se encaminhando e que não ligou, pois queria me poupar.

Três semanas depois, liguei novamente e perguntei se ele podia receber-me em sua casa para um almoço no Natal. Para minha surpresa, não só meu pai disse que ficaria muito feliz em receber-me, como também solicitaria que preparassem um grande almoço para apresentar-me aos demais membros da família. Nesse almoço, estavam presentes noventa pessoas, entre eles, tios, irmãos, primos, cunhados e sobrinhos. Fiquei mais uma vez emocionado com tanto amor e simplicidade, mas senti certo desconforto e, em determinados momentos, percebi que até me faltava chão. Durante todo o tempo, fui tratado de forma especial. Pouco depois do almoço, mencionei que desejava retornar para casa de meus primos onde estava hospedado. Meu pai solicitou a meu irmão mais velho, que tinha ido me buscar, que me levasse de volta.

No final do ano de 2010, resolvi novamente passar o Natal com meu pai, mas dessa vez, embarquei na companhia de dois irmãos por parte de mãe, Welington e Célia, e quando chegamos a casa de meu pai, também foram recebidos como se fossem filhos dele. Aliás, mais tarde fiquei sabendo do comentário feito por ele de como gostaria que também os dois, Wellington e Célia fossem seus filhos. Após o almoço desse natal, meu pai presenteou a nós três; passamos o dia com ele e, no final da tarde, retornamos à residência de nossos primos, onde sempre me hospedei e por quem tenho uma imensa gratidão. Minha relação com meu pai e meus novos irmãos e parentes está cada vez mais próxima e natural. Procurei intensificar essa aproximação mesmo que seja em períodos curtos e distantes um do outro. Agirei em conformidade com meu desejo, minha crença e como verdadeiro filho de Deus. Dia a dia, sou eternamente grato aos ensinamentos deixados pelo prof. Taniguchi, pois, sem eles, não teria me aproximado e perdoado a mim e ao meu pai, em especial meu pai biológico. O perdão anteriormente mencionado, tem aqui o significado de desculpar,

relevar o passado (dívida, ofensa etc.). E também solicitei ser perdoado por quaisquer injúrias por mim cometidas (Injúria do latim injuria, de in mais jus = injustiça, falsidade).

### **Realização de um dos maiores objetivos traçados após a conclusão do Ciclo de Estudo da educação da Vida (CEEV)**

Em janeiro de 1996, recebi meus certificados de Bacharel e de Psicólogo, na sequência atuei como Selecionador de Pessoal nas Consultorias, Obradec e Contato Serviços Temporários Ltda. Nos sete anos seguintes atuei como Analista de Desenvolvimento de Pessoal, na Cia Suzano de Papel e Celulose e foi lá que adquiri um amplo conhecimento na tratativa com pessoas.

Em seguida fui contratado pelo SENAI de São Caetano do Sul, para atender a algumas empresas no ABC e em especial para ministrar diversas turmas de Ergonomia na General Motors do Brasil. Nesse mesmo período também fui contratado como pessoa física pelo SENAC, e na Unidade da Francisco Matarazzo, comecei a ministrar aulas nas áreas de Turismo e Lazer, depois fui pouco a pouco entrando nos demais cursos da rede SENAC. Nesses últimos seis anos ainda continuo no SENAC como funcionário contratado nos parâmetros da CLT.

O SENAC me proporcionou a realização de diversos cursos e a Especialização em Ergonomia dentro de uma abordagem Francesa. Aqui brotou o sonho de um dia cursar Doutorado e quem sabe um Pós-Doutorado. Para a minha surpresa, em dezembro de 2013, fui aprovado num processo seletivo para cursar o Doutorado em Psicologia Social em Buenos Aires – AR. Iniciei em janeiro de 2014, finalizei os créditos em 2015, e em janeiro de 2016, cursei o Pós-Doutorado e agora tenho até julho do ano de 2017 para efetuar as minhas defesas de Teses.

Estou trabalhando atualmente em minhas pesquisas com o interesse de apresentar a importância de uma educação que seja significativa para o aluno. Para tanto encontro respaldo nos pensamentos do sociólogo francês Edgar Morin que hoje está com 87 anos. Faço meus os pensamentos de Morin, pois também acredito na urgência que se faz necessária no campo das ideias, e que não basta rever doutrinas e métodos, é imprescindível elaborar uma nova concepção do próprio conhecimento. Ele sugere que ao invés da

especialização, da simplificação e da fragmentação dos saberes, invista-se no conceito de complexidade. Este conceito traz a ideia, “daquilo que é tecido em conjunto”. Morin ressalta que o pensamento complexo tem como fundamento formulações sugeridas no campo das ciências exatas e naturais, engloba as teorias da informação e dos sistemas e a cibernética, que apontam para a necessidade de superar as fronteiras entre as disciplinas. Morin afirma também, que a incerteza e as contradições fazem parte da vida e da condição humana e, ao mesmo tempo, sugere que a solidariedade e a ética sejam o caminho para a religação dos seres e dos saberes.

Durante o período de formação Universitária, muito foi discutido a respeito das ideologias de Paulo Freire. Pouco a pouco fui compreendendo e defendendo suas palavras como se fossem minhas. Freire nos conduz a profundos questionamentos, quando descreve a respeito da “educação bancária”, que infelizmente é uma realidade presente até nossos dias.

Através da leitura e releitura de alguns textos de Pedro Demo, tenho a clareza quanto a necessidade do educar significativo.

Compreendo a valiosa importância para cada aluno, quando o mesmo desenha um roteiro teórico e metodológico do desafio de educar pela pesquisa na sua mente. Essa (s) pesquisa (s) tem o poder de impulsiona-lo (s) em direção a ação, ao longo de toda a sua etapa educacional.

Também estudando os livros dos professores Taniguchi e Kanuma, foi possível entender que educar é extrair o potencial infinito do interior de cada aprendiz e torná-lo um ser melhor e autossustentável. Tenho a compreensão, que tanto o professor, quanto o aluno, deva desafiar-se dia a dia e tornar-se um pesquisador dos próprios saberes. Só assim, professor e aluno poderá romper as barreiras da ignorância.

Do segundo ao quarto semestre do Doutorado, tive a felicidade de pesquisar e compreender parte dos pensamentos de Hannah Arendt e Paul Michel Foucault. Ambos renomados filósofos. Na cientista, política, filósofa e professora Arendt, confirmei a minha crença de que cabe aos adultos a obrigação em relação às crianças, pois a família é responsável pelo “bem-estar vital” de seus filhos. Cabe a escola o “livre desenvolvimento de qualidades e talentos pessoais”. Arendt enfatiza que: “Qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças e é preciso proibi-

la de tomar parte na educação”. Ela no seu livro intitulado, *Entre o Passado e o Futuro*, descreve em dois textos sua preocupação com a educação. No primeiro ela apresenta com toda sua força e coragem, uma visão totalmente crítica ao tipo de educação considerada “moderna”, naquela época e especial nos dias atuais. Ela questiona em profundidade alguns conceitos pedagógicos difundidos desde o final do século XIX, e que dão origem ao movimento da Escola Nova, na concepção do trabalho educativo enquanto um aprendizado “para a vida”.

“A função da escola é ensinar às crianças como o mundo é, e não instruí-las na arte de viver, (...) O aluno deve ser apresentado ao mundo e estimulado a mudá-lo”

(Hanna Arendt)

Foucault, imortaliza seu pensamento destacando a importância da sua teoria à educação, pois descreve que o sujeito é o elemento central para qualquer pedagogia, pois o sujeito é o objeto-objeto de qualquer teorização ou prática educacional. Ele estabelece três elementos constitutivos da subjetividade que recai sobre o corpo: saber, poder e ética. Nos saberes, apenas lhe interessa aqueles que permitem ao homem se conhecer, entende que através do autoconhecimento o homem constitui sua identidade. No poder, aqui está relacionada à disciplina. E na ética, concerne a relação do eu consigo mesmo. Embora ela não faça uma análise minuciosa das escolas, é evidente que ele conceituava as escolas e a educação formal como exercendo um papel fundamental no crescimento do poder disciplinar.

### **Considerações finais**

Cada experiência ao longo desse processo relatado denota um registro rico, todavia em determinados momentos doloridos de minha vida. Carrega no seu texto e contexto, situações e significativos respaldados nas minhas condições socioculturais, política e familiares por mim compreendido. Cada uma de minhas percepções e experiências não é de minha exclusividade, pois está diretamente atrelado às ligações biopsicossociais com as

demais situações, coisas, lugares e pessoas. Segundo a Seicho-No-Ie, está conectada com todas as pessoas coisas e fatos. Para Delory-Momberger,2006, essas ligações ocorrem em decorrência de acontecimentos materiais e psíquicos da minha vida, tanto na dimensão individual quanto na coletiva.

O desconforto que sentia após orientar meus alunos quanto a importância do bem se relacionar e respeitar pai e mãe, corroborou como uma catapulta que me lançou á ideia de Dominicé (2006), o cerne da autobiografia de jovens e adultos está diretamente ligado ás suas relações familiares, escolares e amorosas. No meu caso estava no descortinar da minha origem biológica, descobrir, entender e aceitar a minha verdadeira paternidade, reconhecer todos aqueles que sempre admirei ou que ainda admiro como pessoas que me são imprescindíveis.

A minha família, a minha trajetória escolar e profissional, sempre foram compostas por atores de suma significação e respeito para mim. Claro que como toda criança, adolescente e jovem, tive incontáveis momentos de rompantes e ímpetos ambiciosos, ora de exclusividade do momento vivido, e até de herança daqueles que considero como meus antepassados.

Pesquisei e comprovei em campo que estava sob o meu poder a possibilidade de me reinventar, desenvolver alternativas seguras e cabíveis para tomar posse da minha real existência e ressignificar o sentido da minha vida. Rever meus valores, objetivos e extirpar possíveis confusões mentais frente aos diversos papéis a mim atribuídos e aceitos para desempenhar.

Acredito que toda a educação que recebi ao longo de minha trajetória de vida, foram cruciais para não titubear frente a possíveis situações de conflitos. A cada dia tenho mais nítido a certeza que cada desafio surge como possibilidade para o meu fortalecimento e crescimento, enquanto indivíduo e que me capacita para o enfrentamento de novos possíveis desafios.

Reitero que esse relato promoveu no meu cerne uma ampla reflexão e transformação. Está me configurando enquanto um ser mais esclarecido e preparado para conviver com a minha verdadeira origem.

Agradeço a Deus por todo esse enfrentamento ter ocorrido na minha fase adulta e entendi a afirmação de Domincé, 2006, p.354, quando diz que “o adulto pode sofrer ao se

deparar com uma vida tornada precária e cuja complexidade ele não domina mais”. A partir da compreensão e aceitação na minha verdadeira paternidade, venho registrando na mente e praticando a importância do educar pela pesquisa, e que essa educação tenha um real significado para na vida de cada aluno e que a mesma possa acompanhá-lo ao longo de sua trajetória educacional.

Ao longo dos últimos dois estudei alguns textos de Hannah Arendt e de Michel Foucault, através dos quais pude amadurecer convicções me já me acompanhavam ao longo de um certo tempo. O de que sou o único responsável pela condução de minha vida, tudo aquilo que me acontece, é por que teve o meu consentimento. E que não me cabe julgar ou responsabilizar a qualquer pessoa, coisa ou fato.

Freire, em pedagogia do oprimido defende uma concepção de dialogicidade e afirma que o diálogo é o encontro existencial das pessoas para, em “colaboração”, transformar o mundo, sem que haja uma relação de conquista e de domínio de uma sobre a outra. No meu encontro ou reencontro com meu pai biológico tudo que ocorreu foi um exemplar diálogo que me propiciou infinitas reflexões; dentre elas: Que senhor sábio e humilde! Eu talvez se estivesse no lugar dele não teria a mesma sabedoria e simplicidade de coração. Ele provavelmente nunca tenha frequentado uma escola, todavia era puro exemplo de senso Ético e de Moral. Minha cabeça girava em uma velocidade até então por mim ainda desconhecido. Como esse homem me ensinava na sua frágil docilidade. Senti que só poderia ser o verdadeiro exemplo de amor incondicional.

Por fim, pensar, chorar, escrever, ler, reescrever e reler, parar e voltar a escrever a minha trajetória de vida, fez com que eu aprendesse um pouco com esse franzino e poderoso homem. Criei oportunidades para estar sempre que possível ao seu lado. Diante dele me sentia como um presente que ele demorou para ter. Nossa última e saudável conversa ocorreu no dia dos pais, do ano de 2015, pois ele faleceu duas semanas antes do Natal desse corrente ano. Acredito que recuperamos todo o tempo não vivido e que nossa missão foi cumprida.

Agradeço infinitamente a minha visionária Mãe e aos meus queridos dois pais. Oro sinceramente pelos seus confortos espirituais.



Muito obrigado, que eu possa dia a dia exercitar um pouco mais de seus ensinamentos. Foi nesses encontros da prática de amor que me tornei o que fui, o que sou e o que ainda poderei vir a ser. Com boas lembranças, é assim que sinto e reconheço: Eu no mundo e com o propósito de fazer feliz o maior número possível de pessoas.

A escrita do Memorial me levou a concluir que devo investir nos processos de autoconhecimento e autodesenvolvimento enquanto ator de minha própria transformação, e também funcionar como agente facilitador na transformação de meus alunos.

Acredito que para ser um bom professor na atualidade faz-se necessário entrar em contato e reconhecer que, de alguma forma nossa vida afetiva esteja diretamente atrelada a profissional. Da mesma forma a vida do aluno interfere dentro e fora da sala de aula, nossas atitudes refletem nossos sentimentos e aspirações.

Nas práticas reflito cotidianamente que como cidadão que sou, devo viver fazendo o melhor para nós e para nossos alunos. Dessa forma, estaremos preparados para enfrentar o novo e as novas possibilidades na infundável construção de nosso “Eu” enquanto pessoas e profissionais defensores da aprendizagem significativa. Deixo como registro final, o quão bom foi registrar a minha trajetória de vida.

## REFERENCIAS

ARENDT, Hannah. Entre o Passado e o Futuro. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DELORY- MOMBARGER, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projetos. Educação e pesquisa. V. 32, n. 2, São Paulo: FEUSP, mai/ago. 2006.p. 359-372.

DEMO Pedro. Conhecer & Aprender, Sabedoria dos Limites e Desafios. Artmed, Porto Alegre, 2000.

DEMO Pedro. Educar pela pesquisa. 5.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

- DEMO Pedro. Pesquisa e Construção de Conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas. 4. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- DOMINICÉ, Pierre. A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. Educação e pesquisa. V.32, n. 2, São Paulo: FEUSP, mai/ago. 2006.p. 345-358.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor? 5ª Ed. Lisboa: Veja, 2002.
- JOSSO, Marie Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.
- Kanuma, Keiyo. A Educação do Filho de Deus. V.1, Seicho-No-Ie, 1989.
- Kanuma, Keiyo. A Educação do Filho de Deus. V.2, Seicho-No-Ie, 1999.
- Kanuma, Keiyo. Educação do Renascimento. Seicho-No-Ie, 2009.
- Kanuma, Keiyo. Ensinando e Disciplinando os Filhos. Seicho-No-Ie, 2010.
- MENDONÇA, Nelino AZEVEDO. Pedagogia da humanização, A pedagogia humanista de Paulo Freire, Paulus, 2008.
- MORIN, Edgar. O Desafio do Século XXI: Religar os Conhecimentos. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN, Edgar. A Religação dos Saberes: O Desafio do Século XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- TANIGUCHI, Masaharu. Compilado por Kamino Kusumoto. A Humanidade é Isenta do pecado. Seicho-No-Ie, 1999

TANIGUCHI, Masaharu. A Verdade da Vida. V. 14, 25 e 35, Trad. Seicho-No-Ie do Brasil, 2007.